



## “Se fosse a sério, você teria de fazer a barba e tirar o brinco”

“Estou gordo”, exclamo, depois de o meu corpo se recusar a aceitar o primeiro par de calças. “Eu já perdi 14 quilos”, diz-me Carlos Abraço, um vigilante que, tal como eu, se encontra nos balneários a preparar-se para iniciar a labuta. “Se fosse mesmo a sério, teria de fazer a barba e tirar o brinco”, alerta João Rodrigues, enquanto me

aperta o primeiro botão da camisola-pólo. Se fosse a sério? Tiro imediatamente a pequena argola, porque, felizmente, não há tempo para me barbear. Depois das divisas, só falta calçar as botas tipo tropa. “São as melhores que há”, garante-me o coordenador do serviço nessa noite. Nota-se. São confortáveis. Mas são tam-

bém novas, e, antes de me protegerem pés, vão morder-mos, horas a fio. Do mal o menos, porque, na verdade, foi sempre o calçado o único protagonista dos ataques que sofri durante a noite como vigilante... Estou pronto. “Por questões de segurança, vou acompanhar-vos”, afirma Pedro Sousa, porque “há diversas situações em que não

vai ser possível fotografar”. Vamos fazer uma ronda, especialmente preparada para o DN, que inclui clientes de vários tipos, “mas nenhum deles pode ser identificado”. Subitamente, chega a notícia vinda do centro de controlo. “Disparou um alarme, vão ter de seguir já para uma intervenção.” Ajeito a farda. A aventura vai começar...

aparentemente aventureiro, nas minhas costas vem o meu companheiro. E atrás dele está Leonardo Negrão, fotógrafo e ex-fuzileiro, por sinal, o que numa situação de aperto pode vir a ser útil. E ainda Pedro Sousa, o chefe de filial. Que diferença abissal será, certamente. Noutra qualquer noite do ano, mesmo de Natal ou de Ano Novo, o apoio de Cláudio seria a equipa de rondas, um grupo de colegas em circulação na cidade, à distância (para mim, demasiado longa) de uma chamada telefónica.

“Graças a Deus, nada”, nem sequer indícios de que alguém estranho tenha andado por ali. Fim de intervenção. Provavelmente, um falso alarme, explica Cláudio, antes de iniciarmos a ronda pelo que resta das instalações. Noutro registo, mais descontraído... A conversa volta a fluir...

Mas o que é que procuramos? “Situações de risco, quebras na segurança”, como janelas abertas, portas mal fechadas, eventuais fugas de água, luzes acesas. Luzes acesas? “Podemos apagá-las, fechar torneiras, desligar aparelhos eléctricos, e assim estamos a fornecer também esse serviço”, explica Pedro Sousa, elogiando as componentes de redução de risco, preservação ambiental e de poupança da oferta. “Há um caso em que controlamos temperaturas, numa clínica de diálise”, diz-me, claramente orgulhoso. “Está a ver, é isto que os guardas-nocturnos não podem fazer”, afirma. “Nós entramos na casa do cliente”, quer como resposta a uma situação de intrusão quer durante uma ronda de prevenção.

Cláudio França não falha uma porta. E eu vejo-me, por vezes, a ter de acelerar o passo, porque o vigilante angolano de 35 anos se enfiou por um qualquer acesso camuflado na penumbra, invisível ao olhar destreinado. “Sempre para a esquerda, para não esquecermos nenhuma divisão”, explica. Em cada “ponto crítico”, identificado previamente, Cláudio regista a presença e as respectivas ocorrências, servindo-se do parêlo de GRS (Guarding Report System) (ver caixa na página anterior). “Duas luzes acesas: apagadas”, assinala. Informações que o cliente irá receber na manhã seguinte, por correio electrónico, num relatório que faz referência exacta às zonas em que se verificaram as anomalias.

### “Sexo? É o pão nosso de cada dia”

Depois de um fabricante de contadores de água, e de uma seguradora no Chiado, estamos perto do Cais do Sodré. São 00.35, e do palacete que aloja uma agência de comunicação saem três pessoas.

Mais um cão, que Cláudio também já conhece. “São os últimos?” O sim tem sotaque estrangeiro.

Lá dentro, o ambiente é verdadeiramente surreal: é como se toda a gente tivesse saído à pressa. Um skate está esquecido no corredor, há trabalhos espalhados pelas mesas, luzes acesas, janelas abertas. Lá fora, passa o rio Tejo. Recordo-me do documentário *My Messy Life*, de Josh Freed, em que o jornalista canadiano defende que a organização é inimiga da criatividade. Pelos muitos prémios expostos, acredito que o homem possa ter razão.

“Aqui nunca faltam ocorrências”, diz-me Cláudio. O vigilante apaga dezenas de luzes, fecha portas e janelas, desliga uma máquina de café. Eu vou ajudando, e atrás de nós tudo vai ficando às escuras.



**Ecuridão.** As rondas pelas instalações dos clientes são sempre feitas na penumbra. Se tudo correr bem, apesar da tensão, encontram-se apenas janelas abertas, máquinas ligadas, torneiras a correr e luzes acesas

## “Nós entramos na casa do cliente”

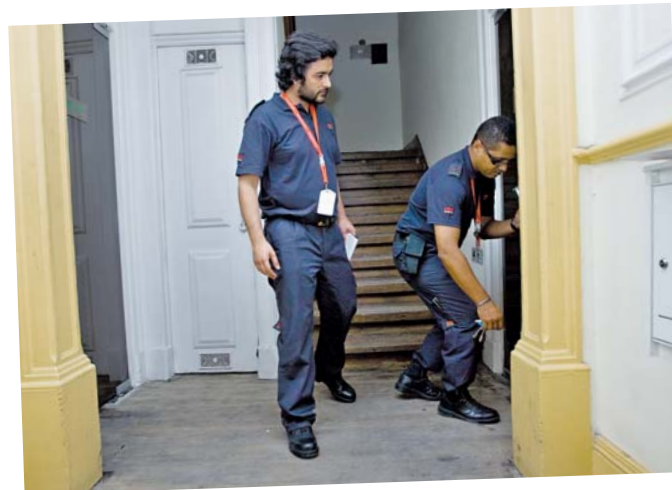
O convite para vestir a pele de um vigilante *mobile* surgiu depois da publicação no DN de uma reportagem sobre o trabalho dos guardas-nocturnos. “É que nós entramos na casa do cliente”, explicou o chefe de filial *mobile*, na sede de Linda-a-Velha da Securitas. Primeiro argumento para justificar a reportagem, e primeira dúvida suscitada. Isso não levanta questões como a possibilidade de espionagem empresarial? “Não. Quando surgem preocupações, referem-se à ocasião poder fazer o ladrão.” Aí entra “a confiança na marca, e a exigência ao nível da recruta-

mento”, diz Pedro Sousa. O serviço está também vocacionado para a prevenção de incidentes em instalações, nas quais se procura detectar anomalias. Tais como portas abertas, luzes acesas, aparelhos eléctricos ligados, alarmes desactivados. “Custa entre 200 e 2000 euros”, avança o responsável, referindo-se ao que pagam os clientes incluídos na ronda feita pelo DN. “É realizada todas as noites do ano”, por apenas um vigilante, que “ganha em média 800 euros por mês”. De acordo com dados de 2006, dos 38 998 vigilantes registados no Departamento de Segurança

Mais uma vez, pergunto-me como será andar por ali sozinho, acompanhado da noite e do ranger do soalho.

Os sorrisos do pessoal rasgam-se num mosaico de imagens expostas numa das paredes, e demonstram prazer... Regresso à pergunta do meu colega Leonardo, horas antes: “Nunca apanharam ninguém, assim... em actos duvidosos?” “Sexo? É o pão nosso de cada dia”, responde o vigilante, por entre sorrisos, “a mim já me aconteceu de tudo”. Imagino o constrangimento... “Que fazem nessas situações?” Uma pessoa não autorizada nas instalações “representa uma falha na segurança”, responde-me Cláudio. “Às vezes, até as conhecemos, ou a uma delas”, mas não pode haver excepções. “Temos de as identificar.” “Seria uma falta gravíssima não o fazer.” Ou seja, pessoas estranhas em minha “casa”, a altas horas, é que não, pedirá, provavelmente, o patrão. Compreensível, mas... Suficiente para afastar a fantasia sobre a enorme mesa de reuniões, envolvida pelas pinturas que cobrem o tecto trabalhado, e em redor da qual se podem esgrimir argumentos, mas não todos.

“Aqui, o ambiente é diferente”, afirma Cláudio, quando entramos no último cliente da noite: um enorme armazém na zona da alta de Lisboa. Diferente? Mais sinistro, querera, provavelmente, dizer: “É o cenário perfeito para um filme de terror”, diz alguém, enquanto caminhamos por



**Chaves.** O circuito de rondas integrou 12 empresas na zona da Grande Lisboa, a que acedemos durante uma noite. Mas foi sempre Cláudio França o guardião das chaves, e o único que abriu as portas

entre enormes pilhas de estruturas metálicas. “Quando está a chover, torna-se mesmo assustador”, explica-me o meu companheiro. “Imagina chegar aqui sozinho e esta empilhadora estar a funcionar.” Rio-me, e deixo-me levar pela conversa... À vez, vamos dando exemplos de possíveis situações aterradoras, retiradas do imaginário da ficção. E sustos reais? Também há... “Uma vez, o João Rodrigues [coordenador] estava a desligar um alarme junto a um espelho. Pelo reflexo, viu alguém a aproximar-se por trás dele, com uma lança na mão.” Uma lança? “Sim. Pensou que tinha chegado o fim, mas era apenas uma estátua.”

Aproxima-se o dia, em Linda-a-Velha. Antes de sair do carro, já no parque da Securitas, e, finda a noite de trabalho, digo a Cláudio que lhe quero fazer a última pergunta. Não me sai da cabeça... Porquê? Porquê esta profissão? O ex-estudante de Desporto, afastado dos estudos por uma lesão no joelho, dá uma baforada no cigarro. “Porque me faz sentir vivo e útil”, resume. Vivo? Como seria possível não se sentir vivo quando se confronta com o medo, noite após noite... Ou será que Cláudio não tem medo? “O medo existe, não lhe posso fugir”, diz-me, “porque nunca sei o que me espera.” “Tenho de viver com ele e tentar superá-lo.” Quando se consegue, “é o maior gozo” que se pode ter, admite. Além disso, e mais importante, a utilidade: “Sinto-me a contribuir para a protecção dos bens dos clientes, pessoas que me confiam as chaves da sua casa. E para o seu bem-estar”, conclui, por entre o fumo de outra passa.

Nesse momento, o sono, talvez ajudado pela imaginação, conduz-me por mundos mais oníricos. Por segundos, imagino-o a transformar-se com a chegada dos primeiros raios de sol... Passo os dedos pelos olhos. Preciso de dormir. Não, esta não é uma história de ficção, nem este homem, que me guiou por oito horas da sua vida, possui poderes especiais. Cláudio França não é um super-herói. É um vigilante *mobile*, que caminha pelas noites do mundo real. ■